

Pecados



Fofoca | Orgulho | Ingratidão | Preguiça

VERDADE DIVINA

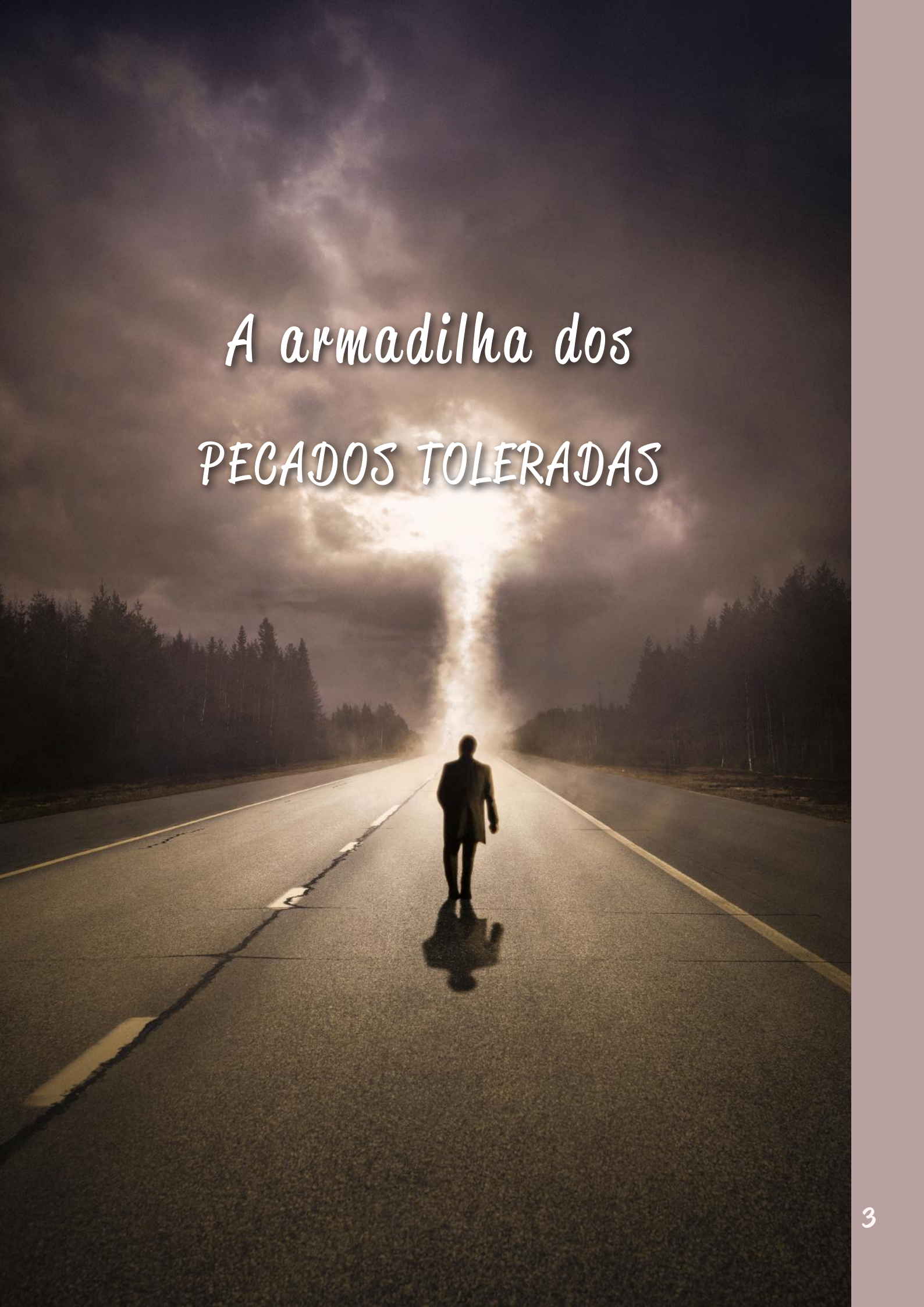
Pecados

Gula <i>David Petterson</i>	04
Fofoca <i>Joseph Dennison Jr</i>	07
Ganância e Mesquinhez <i>Jack Coleman</i>	10
Ingratidão <i>John Sharpe</i>	13
Preguiça <i>Andrew Ussher</i>	16
Luxúria e Cobiça <i>Paul Barnhardt</i>	19
Orgulho <i>Dan Harvey</i>	22
Ansiedade <i>Lyndsay Parks</i>	25
Inveja e Ciúmes <i>Matthew Cain</i>	28

Copyright © 2026 Verdade Divina, www.verdadedivina.com.br

Traduzido por Eduardo de Almeida Macedo com a devida permissão de Truth & Tidings.

Todos os direitos reservados. Verdade Divina é uma marca registrada. A reprodução total ou parcial desta revista não poderá ser realizada por nenhum meio possível, sem a prévia autorização do editor.

A dramatic photograph of a person walking away from the viewer down a long, straight asphalt road. The road is flanked by dark, dense evergreen forests. In the distance, a brilliant, golden light bursts through a dark, stormy sky, creating a powerful lens flare that illuminates the road and the person. The person is silhouetted against the bright light, and their shadow is cast clearly on the road surface. The overall mood is one of journey, hope, or perhaps a warning.

A armadilha dos PECADOS TOLERADAS



Gula

Um pouco de alimento para reflexão... mas não demais

De todos os pecados que envolvem o corpo, a gula é provavelmente a que menos se aborda nas plataformas públicas e nas páginas impressas. A embriaguez, os pecados sexuais e a língua impetuosa são corretamente condenados e recebem atenção significativa em sermões e artigos. Quando você ouviu pela última vez uma mensagem sobre a gula? A falta de atenção dada ao assunto é algo compreensível. Todos temos de comer. E enquanto comemos, todos nós provavelmente admitimos que ocasionalmente cruzamos a linha de meramente satisfazer nossa fome para o reino pecaminoso da excessiva indulgência.

Prazer, sem excesso

Na Bíblia, a gula é frequentemente mencionada com a embriaguez (Deuteronômio 21:20; Provérbios 23:20-21; Lucas 7:34). Um glutão, portanto, é alguém que come mais do que é saudável, ou come em excesso. É perfeitamente bom desfrutar de uma boa comida. As escrituras dizem: *"Não é, pois, bom para o homem que coma e beba e que faça gozar a sua alma do bem do seu trabalho? Isso também eu vi que vem da mão de Deus. (Porque quem pode comer ou quem pode gozar melhor do que eu?)"* (Eclesiastes 2:24-25). Ainda assim, o mesmo escritor declara: *"Bem-aventurada, tu, ó terra cujo rei é filho dos nobres e cujos príncipes comem a tempo,*

para refazerem as forças e não para bebedice” (Eclesiastes 10:17).

Desfrutar da comida é uma dádiva de Deus, mas existe a advertência que acompanha o excesso. Muitas das parábolas do Senhor Jesus eram sobre comer, banquetes e festas. Ele até compareceu a tais eventos. Ele disse: *“Veio o Filho do Homem, comendo e bebendo”* (Mateus 11:19). Ele também nos deu a promessa de comer com Ele na Ceia das Bodas do Cordeiro (Apocalipse 19:9), mas sabemos que a acusação de Seus oponentes de que Ele era um glutão (Mateus 11:19) era falsa. Por quê? Porque ele gostava de comer? Não. O imaculado Filho de Deus recusou-se a Se saciar (Romanos 15:3).

Gula, não obesidade

Obesidade não é sinônimo de gula. Tampouco é uma avaliação justa rotular uma pessoa com excesso de peso como um glutão. Existem todos os tipos de razões pelas quais uma pessoa pode pesar muito ou pouco (por exemplo, histórico familiar, condições médicas, idade, falta de sono). Tendemos a olhar para as pessoas com excesso de peso e concluir imediatamente que elas passam muito tempo à mesa do jantar, o que é provavelmente verdade. Mas o homem que devora três porções grandes e depois as “queima” no exercício físico por duas horas não atrai críticas. O médico pode até dizer que ele atingiu sua “meta de peso”, mas suas atitudes são gulosas.

Comer para viver, não viver para comer

É óbvio para muitos que vivemos em uma cultura obcecada por comida. Nos Estados Unidos, por exemplo, alguns canais de comida possuem audiências incríveis, com milhões de pessoas sintonizadas diariamente, e estão entre os maiores canais de TV a cabo do país. Estamos constantemente em busca de novos restaurantes, novos sabores, novos livros de culinária, novas receitas e novas férias com tudo incluído. A busca por novidades pode até ser por “opções saudáveis”. Mas a jovem parada na fila do caixa com um carrinho cheio de alimentos orgânicos, não transgênicos, com baixo teor de gordura e alto teor de fibras pode ser tão obcecada por comida quanto a jovem parada na fila do buffet esperando para encher seus três pratos. Precisamos ter certeza de que não estamos violando o princípio de 1 Coríntios 6:12 – *“Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma”*. Isso pode ocorrer quer o alimento que estou comendo tenha alto teor de gordura saturada, quer nenhuma gordura.

O coração, não o estômago

Sempre que fazemos do estômago um deus (Filipenses 3:19) comendo muito ou comendo de menos, somos culpados. A gula não é realmente um problema do estômago, mas sim do coração. John Piper disse: “Muita gula nasce do tédio. A vida

“Portanto, quer comais, quer bebaís ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus.”

não é satisfatória ou estimulante, os relacionamentos parecem vazios e o trabalho é enfadonho, mas a comida está sempre lá e tem um gosto muito bom”. A comida não nos julgará, não nos avaliará, não nos condenará, nem nos manipulará. Podemos passar o tempo que quisermos com a comida, sem medo de rejeição ou sofrimento. Mas isso é porque é comida; e comida só pode ser. Somente Deus, com Seus benignos dons e Seu Espírito, farta a alma sedenta e enche de bens a alma faminta (Salmos 107:9).

Conte bênçãos, não carboidratos

Para evitar a gula, devemos abordar a alimentação de maneira diferente. Uma coisa que podemos fazer é iniciar cada refeição com gratidão a Deus pela Sua provisão (1 Timóteo 4:4). Enquanto muitos neste mundo estão empobrecidos, podemos contar nossas bênçãos vindas de Deus. Há muitos cristãos orando fervorosamente hoje: *“O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”*. Seria muito difícil abusar da comida com esses queridos irmãos em nosso coração.

Na prática, outra coisa que podemos fazer é definir horários para refeições específicas. É muito melhor ser controlado pelo relógio do que por nossos impulsos. Se você luta contra a gula, evite restaurantes com comida à vontade. Colocar-se nessa situação seria como um alcoólatra sentado em uma banqueta de um bar. Tente não comer sozinho. É muito mais fácil comer excessivamente quando ninguém está por perto para vigiá-lo. Acima de tudo, podemos desenvolver o autocontrole em nossas vidas pelo poder do Espírito Santo (Gálatas 5:22-23). Esse autocontrole abrange todas as áreas da vida, incluindo o domínio da alimentação. Enquanto escrevo isso, vejo um texto pendurado na parede da nossa cozinha: *“Portanto, quer comais, quer bebaís ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus”* (1 Coríntios 10:31). Isto é um pouco de alimento para reflexão... e espero que apenas o suficiente.



FOFOCA

Meu nome é Fofoca. Não tenho respeito pela justiça. Eu mutilo sem matar. Eu quebro corações e arruíno vidas. Sou astuta, maliciosa e ganho forças com a idade. Quanto mais sou citada, mais sou acreditada. Eu floresço em todos os níveis da sociedade. Minhas vítimas são indefesas. Eles não podem se proteger contra mim porque não tenho nome nem rosto. Uma vez que mancho uma reputação, ela nunca mais será a mesma. Eu arruíno carreiras e causo noites sem dormir. Eu gero suspeitas e causo pesar. Até meu nome sibila. Chamo-me Fofoca” [Autor desconhecido].

Como cristãos, somos rápidos em condenar aqueles que se envolvem em formas graves de agressão verbal: “blasfemadores” (aqueles que difamam, falam mal ou insultam os outros), “falsos acusadores” (caluniadores – a palavra grega para o diabo) e “tagarelas” (aqueles que falam contra ou difamam). Mas escusamos os fofoqueiros? Somos nós mesmos culpados de fofoca? Compartilhamos informações sobre a vida pessoal de outras pessoas que não servem a nenhum propósito nobre?

A fofoca é uma informação sobre o comportamento e a vida pessoal de outras pessoas e costuma ser de natureza sensacional e íntima. A palavra grega para “fofoca” significa “sussurrar”. A própria palavra implica algo

falado em segredo que não deve ser falado abertamente. Um “fofoqueiro” é alguém que normalmente espalha rumores ou fatos íntimos ou privados.

Além de “fococas” e “sussurros”, há outras descrições utilizadas na Bíblia. O Antigo Testamento usa o termo “mexeriqueiro” para uma palavra hebraica que transmite a ideia de alguém que comunica escândalos; um mexeriqueiro revela segredos que não devem ser transmitidos. O Novo Testamento usa “tagarelas” para se referir àqueles que se intrometem e discutem os negócios de outras pessoas, e “intrigantes” para descrever aqueles que divagam em palavras inúteis, muitas vezes sobre a vida de outras pessoas. Uma definição bíblica de fofoca é espalhar rumores ou segredos, falar sobre alguém pelas costas ou repetir algo sobre outro que não seja benéfico.

Por que somos atraídos pela fofoca? A fofoca é atraente – muitas vezes excitante, emotiva e reveladora. Palavras secretas compartilhadas nas costas de terceiros dão a quem sussurra a sensação de estar “por dentro”. *“As palavras do lingüeiro são como doces bocados, e elas descem ao íntimo do ventre”* (Provérbios 18:8; 26:20-22). Há algo em nossa natureza pecaminosa e cheia de orgulho que adora ouvir falar das falhas e problemas dos outros. De alguma forma perversa, sentimos que as falhas dos outros nos fazem parecer melhores.

No entanto, a realidade é que a fofoca é pecaminosa. A fofoca é uma característica daqueles que rejeitaram a Deus. Paulo diz sobre os incrédulos: *“caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais”* (Romanos 1:30 ARA). A fofoca é um produto da natureza pecaminosa, não do Espírito, então Paulo temia que, quando viesse a Corinto, encontraria *“pendências, invejas, iras, porfias, detrações, mexericos, orgulhos, tumultos”* (2 Coríntios 12:20). O cristão deve evitar a fofoca por causa de sua fonte: é o fruto da natureza decaída.

A fofoca não é apenas pecaminosa, mas também prejudicial. Ela trai amigos e desperta ressentimento para com os outros: *“O homem perverso levanta a contenda, e o difamador separa os maiores amigos”* (Provérbios 16:28). A fofoca divulga segredos e mancha a reputação, e as pessoas formam julgamentos de caráter com base nas informações compartilhadas. Amizades são arruinadas quando confidências são violadas: *“O que anda praguejando [como mexeriqueiro] descobre o segredo, mas o fiel de espírito encobre o negócio”* (Provérbios 11:13).

Ainda mais sério, compartilhar fofoca causa desconfiança, ressentimento e atritos entre os irmãos na fé. Provérbios diz: *“Sem lenha, o fogo se apagará; e, não havendo maldizente, cessará a contenda”* (Provérbios 26:20).

Quanto mais se repete, mais se torna aceita como verdade.

Palavras de suposições, motivos implícitos, supostas intenções e meias-verdades sussurradas são a base da fofoca. A fofoca não tem compromisso com a verdade. Não há “verificadores de fatos” para revisar as fofocas antes de serem compartilhadas. Quanto mais se repete, mais se torna aceita como verdade. Frequentemente, perpetua e alimenta conflitos entre os cristãos.

Os cristãos são ordenados pelas Escrituras a deixar de lado a fala maldosa e a calúnia e a evitar a fofoca. No Antigo Testamento, Deus disse: *“Não andarás como mexeriqueiro entre o teu povo”* (Levítico 19:16). No Novo Testamento, Paulo escreve: *“Toda amargura, e ira, e cólera, e gritaria, e blasfêmias, e toda malícia seja tirada de entre vós”* (Efésios 4:31). Pedro afirma o mesmo: *“Deixando, pois, toda malícia, e todo engano, e fingimentos, e invejas, e todas as murmurações”* (1 Pedro 2:1). O cristão não deve ser caracterizado por qualquer forma de linguagem caluniosa – má conversação, injúria, calúnia ou mesmo fofoca. Em vez disso, o cristão deve se comprometer a falar a verdade: *“Pelo que deixai a mentira e falai a verdade cada um com o seu próximo; porque somos membros uns dos outros”* (Efésios 4:25).

De acordo com o Senhor Jesus, a marca distintiva do Cristianismo é que eles *“amam uns aos outros”* (João 13:35). Fofoca não é amor em ação. Compartilhar informações privadas ou pessoais sobre seus irmãos na fé (especialmente seus erros e falhas) é o oposto de amá-los. *“[O amor] não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade”* (1 Coríntios 13:6 ARA). *“Mas, sobretudo, tende ardente amor uns para com os outros, porque o amor cobrirá a multidão de pecados”* (1 Pedro 4:8).

A fofoca costuma vir disfarçada em roupas religiosas. Compartilhamos informações para que outros “possam orar sobre a situação” ou porque sentimos que eles “precisam saber a situação real”. Embora certamente haja ocasiões que exijam o compartilhamento de informações, devemos sondar nossos motivos. Já consideramos o dano irreparável a outras pessoas que nossas palavras podem causar? As palavras que falamos são verificadas? São palavras que destruirão a reputação de outras pessoas? Vamos, então, examinar nossas conversas e questionar nossos motivos. Em vez de fofocar, falemos palavras de verdade motivadas pelo amor.



Ganância e Mesquinhez

Essas duas palavras estão interligadas no sentido de que são opostas. Ser ganancioso é ter ou mostrar um desejo intenso e egoísta por algo. Mesquinhez é a relutância em dar algo que tenho. As duas vezes em que a palavra ganancioso é usada no Novo Testamento, diz respeito a dinheiro. Paulo disse a Timóteo que um homem cobiçoso de torpe ganância era desqualificado para ser bispo ou diácono entre o povo de Deus (1 Timóteo 3:3,8; Tito 1:8). No entanto, a ganância e a mesquinhez progrediram além do dinheiro, para incluir todas as coisas materiais.

Não é de surpreender que, dos 19 traços que marcam o homem

nos últimos dias (2 Timóteo 3), a expressão "*amantes de si mesmos*" encabeça a lista. A frase é uma palavra grega (philautos), que significa egoísta. A segunda característica é "*avarentos*", significando amante do dinheiro (philarguros) ou cobiçoso. William MacDonald comenta: "O apóstolo agora dá a Timóteo uma descrição das condições que existirão no mundo antes da vinda do Senhor. Muitas vezes foi apontado que a lista de pecados que se segue é muito semelhante à descrição dos ímpios pagãos em Romanos 1. O notável é que as próprias condições que existem entre os pagãos em sua selvageria e

estado incivilizado caracterizam os cristãos professos nos últimos dias. Como isso é solene!”.

Talvez deva ser preocupante para nós que esses tópicos estejam sendo tratados em uma revista com leitores principalmente cristãos. Há evidências de que essas coisas prevalecem entre nós? Frequentemente cometemos o erro de julgar o que é pecado, comparando nossas atitudes e ações com as dos ímpios, ou até mesmo com os cristãos professos. Enquanto não vivermos na medida dos seus excessos, nossa consciência estará apaziguada. Não é o nosso padrão a Palavra de Deus e nosso exemplo o Senhor Jesus Cristo? Estamos acostumados com a mentalidade da cultura ocidental, de que existem aqueles que têm e aqueles que não têm? Embora o Senhor tenha dito que os pobres sempre estariam conosco (Mateus 26:11), Ele também nos ensinou a dar *"a quem te pedir"* e a não *"desviar daquele que quiser que lhe emprestes"* (Mateus 5:42).

Às vezes, ajuda entender o que é algo olhando para o seu oposto. O

Senhor Jesus, em Lucas 21, ensinou aos Seus seguidores uma lição sobre como dar. Ao olhar para os ricos colocando suas ofertas no tesouro do templo, Ele viu também uma pobre viúva colocando duas moedas. Ele disse: *"Em verdade vos digo que lançou mais do que todos esta pobre viúva, porque todos aqueles deram como ofertas de Deus do que lhes sobeja; mas esta, da sua pobreza, deu todo o sustento que tinha"*.

Em outra ocasião, o apóstolo Paulo, escrevendo aos cristãos em Corinto, falou sobre as *"igrejas da Macedônia; como, em muita prova de tribulação, houve abundância do seu gozo, e como a sua profunda pobreza superabundou em riquezas da sua generosidade. Porque, segundo o seu poder (o que eu mesmo testifico) e ainda acima do seu poder, deram voluntariamente"* (2 Coríntios 8:2-3). Esses cristãos entenderam o princípio de dar, sabendo que se dessem tudo, Deus graciosamente supriria suas necessidades. Observe como ele conclui sua declaração: *"E não somente fizeram como nós*

*Não é o nosso padrão a Palavra de Deus
e nosso exemplo o Senhor Jesus Cristo?*

esperávamos, mas também a si mesmos se deram primeiramente ao Senhor e depois a nós, pela vontade de Deus” (2 Coríntios 8:5). Esse ensino de abnegação foi visto desde os primeiros dias da igreja. Lucas registra: “E era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns. [...] Não havia, pois, entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido e o depositavam aos pés dos apóstolos. E repartia-se a cada um, segundo a necessidade que cada um tinha” (Atos 4:32, 34-35). Observe que não era uma divisão igualitária e arbitrária de todas as posses, mas doações de acordo com a necessidade. “Quem, pois, tiver bens do mundo e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar o seu coração, como estará nele o amor de Deus?” (1 João 3:17)

O princípio de dar vai além do dinheiro e dos bens materiais. Há uma palavra na Bíblia cujo significado precisamos aprender novamente. Essa palavra é consagração. É a ação de nos dar ou nos dedicar a algo ou alguém. Observe a linguagem de Davi em 1 Crônicas 29 ao pensar em construir uma casa para o Senhor: “Eu, pois, com todas as minhas forças já tenho preparado para a Casa do meu Deus [...] E ainda, de minha própria vontade para a Casa do

meu Deus, o ouro e prata particular que tenho demais eu dou para a Casa do meu Deus, afora tudo quanto tenho preparado para a casa do santuário [...] Quem, pois, está disposto a encher a sua mão, para oferecer hoje voluntariamente ao Senhor? [...] E o povo se alegrou do que deram voluntariamente; porque, com coração perfeito, voluntariamente deram ao Senhor” (1 Crônicas 29:2-3, 5, 9).

Poderíamos sugerir que doar o nosso tempo é de valor igual ou maior para Deus do que nosso dinheiro e bens materiais? Poderíamos aprender muito com o exemplo de uma geração anterior de cristãos que parecia ter uma compreensão do que significa ser parte de uma igreja do Novo Testamento diferente do que é visto hoje. Reunir-se ao nome do Senhor Jesus Cristo era muito mais do que “ir à igreja” ocasionalmente. Era a vida deles. E dessas reuniões emanava uma vibração de serviço e sacrifício que só poderia vir de sua apreciação de Cristo e do lugar do Seu Nome.

Devemos dar ouvidos às palavras do Senhor Jesus em Mateus 6:19-21: “*Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam. Mas ajuntai tesouros no céu, onde nem a traça nem a ferrugem consomem, e onde os ladrões não minam, nem roubam. Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração”.*

Ingratidão

Tenhamos cuidado com o pecado da ingratidão! Não é tão pequeno quanto podemos pensar. Podemos sentir que a gratidão nada mais é do que dizer um educado "obrigado". Podemos considerá-la meramente como um belo acréscimo à experiência cristã, em vez de um componente crítico do caráter cristão ou um elemento essencial para uma vida vitoriosa. Se pensarmos assim sobre a gratidão, "erramos grandemente".

Uma atitude de gratidão é, de longe, a mentalidade que mais transforma vidas, exalta a Cristo e honra a Deus que podemos adotar. Mais do que qualquer outra virtude, essa atitude tem o poder de derrubar as inclinações perversas de nossa natureza decaída e trazer alegria e bênçãos duradouras para nossa vida e para a vida das pessoas ao nosso redor.

Em contraste, quando escolhemos ser ingratos, as raízes de nossa ingratidão afundam profundamente no solo contaminado de nossa natureza decaída e produzem todos os tipos de frutos corruptos, atitudes prejudiciais que afetam negativamente nossa saúde espiritual e bem-estar emocional. Poucas coisas são menos apropriadas para um filho de Deus do que um espírito ingrato.

Causa

A ingratidão está no centro da nossa natureza decaída. Paulo nos diz que a idolatria, a adoração de si mesmo e a veneração dos seres criados está enraizada em nossa falta de vontade de ser gratos a Deus. A fonte da idolatria não é intelectual, mas moral. Não é uma questão de ignorância, mas de uma escolha rebelde de rejeitar a Deus: "**porquanto, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças**" (Romanos 1:21). Observe também que a ingratidão foi recebida com o julgamento de Deus: "**em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu**". Podemos rastrear a maior parte do que está errado em nossas vidas de uma mesma fonte; uma atitude de ingratidão.

Criticamos e reclamamos muito mais do que gostaríamos de admitir. Se escolhermos nutrir um espírito resmungão e crítico, podemos

– infelizmente – sentir uma sensação de satisfação justificada por um curto período de tempo. Mas onde está a linha limítrofe? Quando Deus diz: “Basta”? E quais são as consequências?

Consequências

Podemos ser tentados a acreditar que, neste tempo da graça, o Senhor desculpará ou negligenciará nossa atitude de ingratidão, mas não é assim. As coisas que aconteceram aos filhos de Israel ***“foram escritas para advertência nossa”*** (1 Coríntios 10:11 ARA) e nos é dito explicitamente que não devemos provar o Senhor (v. 9) ou murmurar, como alguns deles também murmuraram (v. 10).

Pouco mais de um ano depois que Moisés os tirou da escravidão egípcia por meio de sinais e maravilhas espetaculares, o povo de Israel “Queixou-se” e, ***“ouvindo-o o Senhor, acendeu-se-lhe a ira”*** (Números 11:1 ARA). Deus havia suportado suas frequentes reclamações anteriores, mas nesta ocasião seu julgamento foi imediato e severo: ***“o fogo do Senhor ardeu entre eles e consumiu os que estavam na última parte do arraial”***. Nunca foi a intenção de Deus que uma geração inteira vivesse e morresse em uma terra seca e estéril, mas foi o que aconteceu (Números 14:29).

Se escolhermos uma atitude de ingratidão, nós também nos encontraremos vagando em um “deserto espiritual”, um lugar onde nossa vida se tornará cada vez mais vazia e estéril. Se perdermos de vista a bondade de Deus e adotarmos a ingratidão do mundo, perderemos a alegria de Deus e, em vez disso, experimentaremos as frustrações do mundo.

Se consumirmos enormes quantidades de tempo e energia mental ruminando sobre as mesmas pessoas problemáticas e situações frustrantes, seremos, por nossa própria escolha, constantemente infelizes. Permanecer na insatisfação é um hábito emocional destrutivo que diminui nossa capacidade de sentir alegria e gratidão.

Necessidade e Desejo

Deus sabia do que a congregação de Israel precisava e deu-lhes o maná, o pão do céu. Mas eles escolheram ser ingratos e, daquele momento em diante, o maná pareceu-lhes comum e pouco atraente. Em seus corações, eles começaram a desejar algo diferente, algo do Egito (Números 11:5-6).

Quando começamos a sentir que o que Deus nos deu é menos do que merecemos, nossos desejos não realizados se transformam em ressentimento. Perdemos o apreço pelas muitas bênçãos que temos e ficamos desanimados porque não temos o tipo de casa, emprego, cônjuge ou filhos que outras pessoas têm. Essas frustrações podem surgir em

*Em algum lugar ao longo do caminho,
devemos aprender que o verdadeiro
contentamento vem de estarmos
satisfeitos com o que Deus já nos deu.*

brigas e disputas uns com os outros, porque continuamos desejando o que não temos... e não podemos obter (Tiago 4:2). Assim como Israel detestava o maná, nós também rejeitamos a provisão diária de Deus com desapontamento ou nojo. É então que nos perguntamos por que nossa força espiritual se esgotou e por que somos tão atraídos por comportamentos pecaminosos que parecem oferecer a realização pessoal que nos falta.

Podemos perder anos perseguindo relacionamentos não espirituais ou posses materiais em nossa busca para encontrar a satisfação que ansiamos. Deus pode nos permitir ser indulgentes por um tempo, mas em algum ponto essas coisas nos “enfastiarão”, quando percebermos que os desejos egoístas nunca podem ser satisfeitos (Números 11:19-20). Em algum lugar ao longo do caminho, devemos aprender que o verdadeiro contentamento vem de estarmos satisfeitos com o que Deus já nos deu.

Cultivando Gratidão

Como qualquer virtude cristã, uma atitude de gratidão não é desenvolvida em um dia. É o fruto das escolhas diárias, momento a momento, que fazemos para seguir o mandamento do Senhor de **"em tudo dai graças"** (1 Tessalonicenses 5:18). Inclui treinar nossos corações para buscar e identificar nossas bênçãos diárias e Sua bondade.

Estar cientes dos nossos benefícios e expressar gratidão ao Senhor e aos outros irá remover nossa inclinação de ser ingratos. Um espírito de gratidão nos colocará no centro da vontade do Senhor.

Só Deus pode nos transformar nas pessoas verdadeiramente gratas que queremos ser (Filipenses 2:13). Quando nos rendermos a Ele, nossa fé crescerá e amadurecerá, Deus será glorificado e será nossa alegria vê-Lo em cada passo do caminho.



PREGUIÇA

Lendo recentemente em Tito, fiquei impressionado com a descrição de Paulo dos cidadãos de Creta. Citando um de seus próprios profetas, ele não apenas os descreveu como mentirosos e bestas ruins, mas como "ventres preguiçosos" (Tito 1:12). Não é uma descrição muito lisonjeira! Nenhum de nós gostaria de ser chamado de preguiçoso, mas, como acontece com a maioria dos pecados desta natureza, muitas vezes há uma necessidade de uma autorreflexão sóbria, para examinar nossos corações e vidas para ver se as evidências deste pecado específico estão criando raízes e dando frutos.

O ciclo de trabalho e descanso é inerentemente entrelaçado no designio de Deus para a vida humana.

Em Gênesis 1-2, lemos sobre a obra de Deus: "E, havendo Deus acabado no dia sétimo a sua obra, que tinha feito, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito" (Gênesis 2:2). Lemos então que "tomou o Senhor Deus o homem e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e o guardar" (Gênesis 2:15). Portanto, o trabalho era parte do projeto original de Deus para o homem; é virtuoso, e não faz parte da queda. O que a queda trouxe foi a adversidade ao nosso trabalho: "Espinhos e cardos também te produzirá; [...] No suor do teu rosto, comerás o teu pão" (Gênesis 3:18-19). Um dos pecados que a queda produziu no homem foi a relutância em superar essa adversidade e perseverar no

trabalho. Este pecado específico é o que agora chamamos de preguiça.

A Bíblia tem muito a dizer sobre o pecado da preguiça. Provérbios, especificamente, é repleto de instruções nesta área, dizendo-nos, por exemplo, que o preguiçoso odeia o trabalho (21:25), ama dormir (26:14), dá desculpas (26:13), desperdiça tempo e energia (18:9), e tem um futuro sombrio (12:24, 20:4). O Novo Testamento nos ensina que, não apenas o homem foi originalmente criado para trabalhar, mas o homem redimido foi regenerado com o mesmo propósito – trabalhar. Por exemplo, Efésios 2:10 diz **"Porque somos obra sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras"** e Efésios 4, ao exortar os crentes a se revestirem **"do novo homem, criado segundo Deus"**, instrui o homem a **"trabalhar, fazendo com as próprias mãos o que é bom"** (vv. 24 e 28 ARA).

O propósito deste artigo, porém, não é intimidá-lo até a submissão, acusá-lo de preguiça e deixá-lo desanimado e desencorajado. Essa não é a instrução geral da Palavra de Deus sobre este assunto. Como acontece com todos os pecados, recebemos poder do Espírito de Deus para viver uma vida de vitória sobre a preguiça, e sugiro que devemos concentrar nossos esforços em três áreas específicas e pedir ao Senhor que nos ajude a sermos diligentes por ele.

Devemos ser diligentes em nossas mentes e corações

A batalha contra a preguiça é travada principalmente em nossas mentes e corações. Pedro enfatiza a necessidade de disciplina mental e resistência ao exortar seus leitores a **"cingir os lombos do vosso entendimento"** e a **"serem sóbrios"**

(1 Pedro 1:13). Daniel é um excelente exemplo do Antigo Testamento desta característica: **"E Daniel assentou no seu coração não se contaminar com a porção do manjar do rei, nem com o vinho que ele bebia"** (Daniel 1:8). Foi uma decisão focada e disciplinada que começou em seu coração e mente e, subsequentemente, governou suas ações. Barnabé capta o mesmo ensino em Atos 11:23 quando exorta os cristãos em Antioquia a que, **"com firmeza de coração, permanecessem no Senhor"**. A preguiça mental e a falta de disciplina e foco são particularmente perigosas em nossa era da informação. Ocupação e preguiça não são mutuamente exclusivas. Na verdade, é possível ter uma mente tão desordenada e uma vida tão desfocada que meus dias são cheios de atividades e minhas horas são abarrotadas de informações, mas minha vida é dispersa e improdutiva. Prazos são perdidos, compromissos são quebrados, tarefas permanecem inacabadas e o progresso é desperdiçado. Existe um grande perigo em estar ocupado, mas mentalmente desfocado e preguiçoso. Uma de nossas mordomias mais preciosas é o nosso tempo, e a batalha contra a preguiça começa com uma mente disciplinada peneirando alternativas, descartando opções improdutivas e canalizando esforço e energia para coisas que realmente contam. Efésios 5:15-16 é especialmente instrutivo: **"Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios, remindo o tempo, porquanto os dias são maus"**.

Lutando contra a preguiça em esforços espirituais

Em segundo lugar, em nossa batalha implacável contra a preguiça, devemos

nos concentrar em nossa busca pelas coisas espirituais. Infelizmente, é possível que despejemos energia, esforço e disciplina em atividades educacionais, objetivos de carreira, realizações atléticas ou mesmo objetivos pessoais de "estilo de vida", mas não temos essas mesmas características quando se trata de atividades espirituais. O apóstolo Paulo é um grande modelo para combater essa armadilha específica da preguiça espiritual. Em Filipenses 3, ele lista as marcas de uma vida secularmente bem-sucedida em sua cultura e, em seguida, enfaticamente as coloca de lado como "esterco" e declara sua filosofia para a vida cristã, descrevendo a si mesmo como **"avançando para as [coisas] que estão diante"** e **"prosseguindo para o alvo"** (Filipenses 3:13-14). Em sua carta final escrita a seu filho espiritual, Timóteo, ele exorta seu jovem protegido a fazer essencialmente o mesmo quando instrui Timóteo a ser diligente para se apresentar a Deus aprovado, **"como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade"** (2 Timóteo 2:15). É assim com você? Você caracterizaria sua vida espiritual como sendo marcada pela diligência, **"avançando"** e **"prosseguindo"**? Ou você (ou eu) mais honestamente teríamos que admitir que, quando se trata de empreendimentos espirituais, poderíamos ser mais precisamente descritos como indiferentes, relutantes ou (como é doloroso admitir!) preguiçosos?

Responsabilidade Secular

Finalmente, como povo de Deus, devemos sempre nos esforçar para sermos diligentes em nossas responsabilidades seculares.

Qualquer que seja o nosso campo de atuação, seja como aluno, funcionário, empresário ou dona de casa, nunca devemos ser marcados pela preguiça. Paulo exorta os cristãos colossenses: **"E, tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor e não aos homens"** (Colossenses 3:23). Uma forte ética de trabalho e diligência nas responsabilidades seculares é uma demonstração virtuosa da nossa devoção ao nosso Senhor.

Conclusão

Confrontar e combater a preguiça no próprio coração e estilo de vida não é fácil. É muito mais fácil desviar o ensino para outras pessoas ou, em vez disso, alertar imediatamente sobre os perigos de ser avarento, amar o dinheiro e se tornar um "viciado em trabalho". Essas tentações também são perigosas e pecaminosas – mas não são o foco deste artigo.

Que todos nós estejamos dispostos a examinar nossos próprios corações, inspecionar nossas vidas, avaliar as evidências honestamente no temor de Deus e então resolver, com a ajuda do Seu Espírito, combater este pecado particular de preguiça, como e onde quer que ele se manifeste em nós. Há uma recompensa prometida por tal diligência. Colossenses prossegue dizendo: **"E, tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor e não aos homens, sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança, porque a Cristo, o Senhor, servis"** (Colossenses 3:23-24).

Luxúria e Cobiça

É uma triste característica da natureza decaída do homem estar não apenas descontente com as graciosas provisões de Deus, mas buscar prazer e satisfação em excesso ou no que é ilegal para ele. Eva seguiu o engano do diabo, e cada geração desde então é deixada sem descanso em busca de realização. A mentira do diabo não satisfaz os desejos de Eva, e nunca irá satisfazer os nossos também. Fora do contentamento com a vontade de Deus, um coração irá, repetidamente, colocar seus olhos em outra coisa. Em toda a nossa Bíblia, exemplos de pessoas reais são dados para nos ensinar lições (1 Coríntios 10:6). Ao mesmo tempo, o mundo tem muito a nos “oferecer”. Em nossas próprias experiências, temos um vislumbre de algo e, no fundo, sentimos a resposta de nosso coração em relação a isso antes mesmo de nossos braços se moverem. Luxúria e cobiça, como os outros nesta lista dos pecados mais indesejados do cristão, não consideram a vontade, a lei, o cronograma ou a graça presente de Deus. Eles clamam por realização imediata e abundante do objeto que está dentro de suas vistas, mas ainda não está em mãos. Tragicamente, essas duas companheiras não limitam sua influência aos incrédulos, mas encontram oportunidades de se expressar também nos redimidos.

Em Efésios 2:3, Paulo fala dos desejos passados da carne e da mente. Nosso Senhor falou de pecados cometidos no coração. Pedro nos diz em sua segunda epístola das **"concupiscências carnis, que combatem contra a alma"**. Então, de uma mente influenciada, a luxúria se desenvolve em nosso coração e luta contra a alma. Em nosso âmago – em nossa mente, coração e alma – uma batalha é travada diariamente. Não é de se admirar, portanto, que os cristãos às vezes lutam para evitar a armadilha do forte desejo.

Luxúria e cobiça estão intimamente relacionadas em nossa Bíblia. Ambas as palavras são usadas para vários termos hebraicos e gregos relacionados a forte desejo. A concupiscência da carne é a natureza inata do homem, que busca se satisfazer. Paulo nos diz em Gálatas 5:16: **"Andai em Espírito e não cumprireis a concupiscência da carne"**. Curiosamente, nesse capítulo que trata da nossa liberdade e liberdade em Cristo, Paulo prossegue dizendo no versículo 24 que **"os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências"**. Quando um homem com essa perspectiva natural ajusta seu coração para alcançar algo além da vontade de Deus para ele, ele está cobiçando ou desejando ardentemente isso. Muitos pecados são cometidos por luxúria; entretanto, o pecado de cobiçar ou luxuriar é simplesmente o próprio anseio por um objeto, posição ou experiência.

Em Números 11, o vulgo no meio da multidão começou a desejar carne e influenciou o povo a clamar por ela. Eles desprezaram o maná e estabeleceram seus corações no desejo por carne. A carne em si não era pecaminosa, mas o seu forte desejo por ela era, especialmente quando Deus já havia provido para eles. Lemos, no Salmo 106, que os filhos de Israel **"não esperaram o seu conselho; mas deixaram-se levar da cobiça, no deserto, e tentaram a Deus na solidão. E ele satisfez-lhes o desejo, mas fez definhar a sua alma"** (vv.13-15). Nem todos os desejos e afeições são lascivos. Devemos ter interesses, enfoque e metas, especialmente no que diz respeito às coisas eternas. Colossenses 3 nos diz para buscar (como algo escondido) as coisas que são de cima. A nova vida em Cristo nos dá uma nova visão e desejos para as Suas coisas. O capítulo estabelece a meta de ter uma mente voltada para Cristo, um coração voltado para os outros e uma vida influenciada pela Palavra de Deus. Essa meta desenvolverá os resultados benditos do desfrute da paz de Deus, da graça e do espírito de ação de graças. Essas são verdadeiras riquezas e delícias.

Ficamos impressionados com o fato de que uma guerra contra nossa alma pode começar com uma única visão ou som. Um desejo só precisa ser forte o suficiente para virar um olho ou fazer com que um dedo clique no mouse para mudar o curso de uma vida. É por isso que nos é dito para não tomarmos providências para a carne, para nos abstermos das concupiscências carnis e para fugirmos das concupiscências da juventude. O Salmo 119:37

Temos uma escolha a fazer a cada momento: seguir nossos desejos e agradar a nós mesmos ou seguir nosso Pastor e agradar ao Pai.

diz: **"Desvia os meus olhos de contemplarem a vaidade"**.

É notável que o que pode ser tão atraente para nós em um momento de tentação seja realmente feio e indesejável para a mente espiritualmente lúcida. João nos diz que a concupiscência da carne é do mundo e não do Pai. Em outras partes do Novo Testamento, as palavras que acompanham e descrevem os desejos carnavais são: enganosos, tolos e prejudiciais, juvenis, variados, mundanos e ímpios. Cada coração tem o potencial de responder a algo encontrado neste mundo ímpio e é desesperadamente perverso. Se pensássemos na feiura e na raiz da impiedade que se encontra dentro de nós, repetiríamos o grito desesperado do apóstolo de Romanos 7:24: **"Miserável homem que eu sou! Quem me livrará do corpo desta morte?"** Somente nosso Senhor Jesus Cristo, sem nenhum pecado, pode nos libertar.

As variadas influências do mundo nem iriam – nem jamais poderiam – encontrar qualquer recepção em Seu santo coração. Em Lucas 16, os fariseus são descritos como avarentos, e o grego por trás dessa palavra significa "amigo da prata". Nosso Senhor é o Amigo dos pecadores. E, ao invés de agradar a Si mesmo, Pedro nos diz que Ele **"padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas"**. Seus passos eram sem pecado. Seus passos eram sacrificiais. Seus passos agradaram ao coração de Deus, a quem Ele Se comprometeu.

Temos uma escolha a fazer a cada momento: seguir nossos desejos e agradar a nós mesmos ou seguir nosso Pastor e agradar ao Pai. **"Mas é grande ganho a piedade com contentamento"** (1 Timóteo 6:6).



Orgulho

John Flavel, um dos grandes escritores puritanos, disse a famosa frase: “Aqueles que conhecem a Deus serão humildes; aqueles que se conhecem não podem se orgulhar”. Acrescentamos nosso “amém”, mas nosso acordo seria apesar da nossa experiência. Embora desejemos ser mais semelhantes ao nosso Senhor, a verdadeira humildade muitas vezes nos escapa, e o orgulho sobrevive confortavelmente em nossa vida diária.

Existem poucos pecados pessoais tão difundidos nas Escrituras como o pecado do orgulho. O tempo mal havia iniciado sua contagem quando o orgulho apareceu pela primeira vez com sua cara feia e, desde sua inauguração, nunca saiu de moda. Conquanto seja facilmente identificado em outras pessoas, sempre foi enganoso e desafiador enxergar o orgulho em si mesmo. Profundamente enraizado, escuro e sinistro, ele realiza sua ação covarde, desencadeando uma onda de infelicidade que inflige danos incalculáveis a seu hospedeiro e a outros.

O que entendemos como orgulho em nossa língua é derivado de dez palavras hebraicas e duas palavras gregas, e geralmente se refere a ter uma atitude ou opinião elevada sobre si mesmo. O substantivo hebraico geralmente traduzido como orgulho também é traduzido como insolência, presunção ou arrogância. A estrutura da palavra é útil. De sua raiz verbal, significa “ferver”. Isso transmite a ideia de estar sendo “inchado”, o que concorda com uma das palavras gregas que sugere “ser inflado”, dando

a impressão de substância, enquanto a realidade é que se está apenas cheio de ar (1 Coríntios 5:2; 8:1; 13:4; Colossenses 2:18). Em sua essência, o orgulho é um pecado de atitude, um pecado do coração e do espírito. O dano real, porém, é facilmente exteriorizado, pois, o que está em meu coração acabará afetando minhas atitudes e ações, prejudicando meu relacionamento com os outros. A sabedoria dos Provérbios adverte repetidamente contra o mau hábito do orgulho. Paulo o inclui nas duas listas que são características daqueles que Deus julgará e das condições prevalentes nos últimos dias (Romanos 1:30; 2 Timóteo 3:2, 4).

Quando falamos de orgulho, provavelmente Satanás vem à mente, tendo gerado orgulho em seu coração, pois ele desejava ser como o Altíssimo. Hamã e vários reis como Uzias, Ezequias, Nabucodonosor (Daniel 4:30) e Herodes (Atos 12:23) fornecem lições que não serão esquecidas logo. A cortina do Novo Testamento se levanta e os fariseus rapidamente tomam seu lugar no centro do palco como a personificação do orgulho. Eles eram hipócritas – hipócritas orgulhosos e egocêntricos. E embora não queiramos ser hipócritas nem orgulhosos, todos devemos confessar nossa fraqueza. Embora desejemos ser imitadores do que é bom, nosso orgulho muitas vezes atrapalha. Às vezes, talvez nos tornemos farisaicos, embora não intencionalmente.

Sua origem

Enquanto a Bíblia deixa claro que o orgulho é pecado e que Deus odeia o orgulho (Provérbios 8:13), o Senhor Jesus identifica claramente a origem do nosso orgulho – nossos corações (Marcos 7:21-23). Aninhada profundamente em nossa própria natureza está a tendência horrorosa para o pecado do orgulho, de amar egoisticamente a si mesmo. Com o novo nascimento, porém, Deus nos dá um novo coração, e ficamos com a responsabilidade de mortificar a carne perversa e seu orgulho, de controlar a si mesmo e de amar os outros. Embora Colossenses 3 não mencione especificamente o orgulho em sua lista de pecados, nós o vemos como a raiz de quase todos os pecados.

Sua obsessão e operação

O orgulho é obcecado por “si próprio”, o que o torna um ídolo. Ao remover Deus de Seu trono legítimo, o eu é colocado no centro das atenções, louvado com admiração própria. Por mais repugnante que pareça, é cada vez mais prevalente nessa sociedade atual do “eu”, embora talvez não seja tão abertamente identificado pelo nome. A psicologia moderna dá pouca atenção a isso, preocupando-se muito mais com o problema da baixa autoestima do que com o elogio autodirigido. A mídia social forneceu uma plataforma de orgulho diferente de qualquer outra conhecida pelas gerações anteriores – a infame “selfie”. O compartilhamento ingênuo de momentos especiais pode rapidamente degenerar em uma obsessão por si mesmo, buscando projetar uma imagem que é tudo menos real.

Podemos não rotular isso como orgulho, mas uma avaliação honesta nos forçaria a reconhecer que o orgulho está por trás de tudo.

Seu resultado

Embora reconheçamos o orgulho nos outros, muitas vezes lutamos para vê-lo em nossas próprias vidas. O que o orgulho produz, contudo, não pode ser escondido. O orgulho é um pecado capacitador e, como tal, produz inveja, contenda, discussões, ódio, brigas, intrigas, vanglória, calúnias, raiva, malícia, descrédito injusto, maledicência e tratamento desprezível para os outros. Pessoas orgulhosas raramente pedem perdão, porque não admitem sua condição pecaminosa. Pessoas orgulhosas não podem mostrar verdadeira humildade e mansidão. Uma obsessão consigo mesmo inibe uma consideração honesta pelos outros, causando relacionamentos rompidos e crentes feridos.

“Orgulhar-se” é o que fazemos na presença de outras pessoas, enquanto “altivez” ou “arrogância” é uma demonstração de como subestimamos os outros, colocando-nos acima deles. Quando Paulo escreve a Timóteo, ele usa uma palavra – ensoberbecer-se – que significa “embrulhar-se em fumaça”. É a triste condição de quem está cego pelo orgulho (1 Timóteo 3:6; 6:4; e 2 Timóteo 3:4). Até mesmo Israel foi advertido contra o esquecimento de Deus por causa do seu orgulho (Deuteronômio 8:14).

Sua superação

O antídoto para o orgulho é a humildade, que me liberta da obsessão por mim mesmo para amar e servir aos outros de verdade. Ela me permite ver o valor dos outros, apreciá-los independentemente de como eles possam diferir de mim. A humildade não se preocupa com status ou posição, mas segue o exemplo do nosso Senhor Jesus em João 13, quando Ele servia humildemente aqueles que discutiam sobre quem seria o maior. Para fazer isso, um cristão precisa entender que seu senso de valor e identidade não está ancorado nas perspectivas e comentários de outras pessoas, mas em seu relacionamento com seu Pai Celestial. Amado, redimido, perdoado e trazido para a família, o cristão é dotado por Deus, habitado pelo Espírito Santo e colocado no corpo de acordo com o plano de Deus. Então o que ele é, ele deve a Deus. Sua diversidade como membro de algo muito maior do que o “eu” permite que ele mantenha a unidade que Deus criou e evite apegar-se a direitos percebidos. Em vez disso, ele se entrega ao serviço. Isso é exatamente o que Filipenses 2 ensina no contexto da perfeita humildade do nosso Senhor Jesus. “Aprende de Mim” (Mateus 11:29) ainda é válido para hoje. À medida que caminhamos com Ele e aprendemos com Ele, aprenderemos a ser humildes e mataremos o orgulho. Isso nos liberta para viver como Ele viveu, amar como Ele amou, servir como Ele serviu e levar algo da fragrância da Sua vida a um mundo perdido enquanto aguardamos Seu iminente retorno.

Ansiedade

“Não somos o que pensamos que somos, mas o que pensamos, somos.” Como pensamos e no que permitimos que nossa mente se concentre, desempenha um papel notável na determinação do tipo de pessoa que nos tornamos. Não se pode ter uma vida positiva com uma mente negativa.

A ansiedade é um pecado comum a todos nós. Pode ser uma das formas mais desgastantes de pensamento negativo. Alguém disse que **“a preocupação nos leva a Deus; a ansiedade nos afasta Dele”**. A ansiedade não faz nada para esvaziar o amanhã de seus problemas. O que ela faz é esvaziar o hoje de sua força.

A ansiedade começa na mente e é, na verdade, uma manifestação de confiança em mim mesmo, em vez de colocar minha confiança no Senhor. É um fato comprovado que uma pessoa pode literalmente ficar ansiosa até adoecer.

Então, por que todos nós ficamos ansiosos?

Os pensamentos são muito reais, muito poderosos. Todo o nosso pensamento ocorre em nossa mente consciente e exercemos

grande influência sobre essa parte da nossa mente. Nossa mente subconsciente está ativa quando estamos dormindo, sonhando ou mesmo sob anestesia. No entanto, nossa mente consciente alimenta e molda nossa mente subconsciente. Então, naquilo que permitimos que nossas mentes se fixem nos molda em quem realmente nos tornamos.

Devemos primeiro entender o que realmente é ansiedade. Nas Escrituras, somos ensinados que, na verdade, é falta de fé em Deus. Isso, na realidade, é pecado de nossa parte. Nosso amoroso Pai Celestial sabe disso melhor do que nós: **“Pois Ele conhece a nossa estrutura; lembra-se de que somos pó”** (Salmos 103:14) e Ele ama que confiemos Nele. Davi, no Salmo 37, escreve cinco pequenas frases que nos ajudarão a vencer esse pecado: **“Confia no Senhor”** (v. 3); **“Deleita-te também no Senhor”** (v. 4); **“Entrega o teu caminho ao Senhor”** (v. 5); **“Descansa no Senhor”** (v. 7); e **“Espera no Senhor”** (v. 34). Em apenas um Salmo, temos cinco frases ou mandamentos com promessas

que nos dão o antídoto contra a ansiedade. Mas, oh, como é difícil para nós aprendermos essas joias e praticá-las diariamente!

Já foi demonstrado que, de tudo com que nos preocupamos, 92% nunca acontece. Do 8% restante que acontece, podemos controlar apenas metade disso (um total de 4%) de alguma forma. Portanto, a ansiedade é irrelevante. Um filósofo famoso disse em seu leito de morte: “Minha vida foi repleta de tragédias terríveis, inúmeras doenças e calamidades indescritíveis que nunca aconteceram comigo”.

A ansiedade também é irreverente. Cada vez que perdemos o sono ou desenvolvemos outra úlcera que remete a uma miríade de pensamentos negativos, estamos assumindo o que deveria ser confiado ao Senhor. As cinco frases acima são todas sobre Ele. A ansiedade, por outro lado, diz respeito a mim. Nesta época de egoísmo cada vez maior (2 Timóteo 3:2), a ansiedade é, em essência, um ato de egoísmo da minha parte. Cada vez que fico obcecado com o que devo deixar nas mãos competentes do Senhor, é um ato de pecado e irreverência.

A ansiedade revela uma falta de fé bastante embaraçosa. Alguém disse que, como cristãos, precisamos deixar o reino das ansiedades e entrar na arena da

fé. A ansiedade é um pensamento errado, que leva a sentimentos errados. Antes que percebamos, nossos corações e mentes estão devastados, e a ansiedade incessante pode nos estrangular. É por isso que Paulo diz aos crentes que é uma necessidade absoluta levar todo pensamento cativo à obediência de Cristo (2 Coríntios 10:5). Um escritor cristão, Warren Wiersbe, observou: “A ansiedade é a evidência da descrença. A descrença é a evidência da desobediência. E a desobediência é a evidência de que algo está errado por dentro”.

Todos nós enfrentamos essas lutas. Todos nós ficamos ansiosos. Muito poucos de nós aprenderam a passar pela vida, dia após dia, confiando no Senhor em todos os aspectos de nossas vidas sobrecarregadas de pecado. Com muita frequência, caímos na mentalidade do “Eu sou o capitão do meu navio”. E, então, quando confrontados com a realidade de nossa força e habilidades fracas, nós nos desesperamos. Todo o tempo, temos um Senhor impressionante e Todo-Poderoso que quer ser o Capitão de nossas almas, se apenas O permitíssemos.

Isaías aborda isso em 26:3-4, uma das passagens curtas mais bonitas das Escrituras: ***“Tu, Senhor, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti. Confiai***

no Senhor perpetuamente, porque o Senhor Deus é uma rocha eterna" (ARA). Existem três grandes verdades aqui. O hebraico para *"perfeita paz"* é, na verdade, *"paz, paz"*. O Senhor promete uma porção dobrada de paz para aquele que ancorar sua mente Nele. Em segundo lugar, será o próprio Senhor quem manterá nossas mentes em paz se confiarmos Nele. E, finalmente, "Rocha eterna"! "Rocha Eterna, meu Jesus [...] quero Nele me esconder, pois me poderá valer!".

Paulo enfrentou provações e horrores indescritíveis em sua vida. No final de 2 Coríntios 11, lemos um pouco do que ele passou. Talvez ninguém expressou ou aprendeu como não ficar ansioso melhor do que Paulo. Ele lembrou a Timóteo: *"Porque Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação"* (2 Timóteo 1:7). Ele disse aos cristãos de Filipos: *"Não estejais inquietos por coisa alguma"* (4:6). Em essência, ele quis dizer: "Não fiquem ansiosos com nada!". Como, então, podemos aprender a pensar como Paulo pensava? Encontraremos a resposta no contexto de Filipenses 4.

Em primeiro lugar, precisamos aprender a orar corretamente (vv. 6-7). Depois, devemos aprender a maneira correta de pensar (v. 8). Finalmente, o versículo 9

nos dá a fórmula para uma vida correta. Seguem duas promessas admiráveis: a paz de Deus (v. 7) e a presença do Deus de paz (v. 9). Wiersbe resumiu essas verdades da seguinte maneira: "Com a paz de Deus para nos proteger e o Deus de paz para nos guiar, por que ficar ansiosos?".

Outra ajuda valiosa é o que Pedro escreveu em 1 Pedro 5:7, *"lançando sobre ele toda a vossa ansiedade"*, pois Ele se importa com você. Uma tradução amplificada de "lançar" é soltar uma carga pesada de suas costas, ouvi-la bater no chão e ir embora, sem nunca olhar para trás. Significa simplesmente entregar ao Senhor todas as suas preocupações e deixá-las ali.

Uma querida irmã idosa, cuja vida foi repleta de múltiplos fardos e sofrimentos, foi questionada se ela conseguia dormir bem à noite. Ela sorriu e disse: "Durmo como um bebê. Conto ao Senhor todas as minhas ansiedades e depois caio no sono. Acho que Ele vai ficar acordado a noite toda de qualquer maneira – não faz sentido nós dois estarmos acordados!".

Que possamos todos nós, o autor primeiro, aprender esse tipo de fé simples e confiante.



Inveja e Ciúmes

Uma irmã em Cristo se aproxima de você, ansiosa para compartilhar suas emocionantes notícias. Você tenta sorrir, mas é forçado e desconfortável. Em vez de comemorar genuinamente a bênção dela, seu coração naufraga, desejando que você fosse a portadora das boas novas em vez dela. Enquanto ela louva ao Senhor, você pensa: “Ela tem que esfregar isso na minha cara? Eu não mereço isso mais do que ela?” Mais uma vez, você é lembrada de que muitas vezes é mais fácil *“chorar com os que choram”* do que *“alegrar-se com os que se alegram”* (Romanos 12:15).

A raiz da questão

O problema é que a inveja e o ciúme^[1] crescem em seu coração. Eles são um produto da carne pecaminosa com a qual todos nascemos, e ambos estão listados entre as obras da carne em Gálatas 5: ciúme^[2] no versículo 20 (algumas versões dizem “emulações”) e inveja no versículo 21. Esses pecados resumem o egoísmo, a marca registrada da carne, pois somos pessoas naturalmente egoístas. Queremos guardar para nós o que nos foi dado – queremos o que os outros têm, e muitas vezes ficamos chateados se nossos desejos não forem realizados. É algo triste que uma das

primeiras cenas da história humana revele o coração invejoso do homem.

O Registro da Escritura

Caim não estava apenas zangado com Deus por não aceitar a ele e a sua oferta (Gênesis 4); ele ficou com inveja de que Abel e sua oferta foram aceitos. A inveja de pessoas mais justas do que nós e de seu relacionamento com o Senhor não é incomum. Infelizmente, a resposta muitas vezes carrega essa semelhança com a de Caim – ao invés de arrependimento, existe a persistência em caminhos egoístas. Se você deseja a força espiritual que outros parecem desfrutar, por que não obedecer ao Senhor como eles o fazem?

Mais tarde, em Gênesis, a respeito de Isaque, diz que *"o Senhor o abençoava [...] e ia-se engrandecendo, até que se tornou mui grande; [...] de maneira que os filisteus o invejavam"* (Gênesis 26:12-14). Aprendemos o valor do tesouro eterno. Logo, é uma vergonha tremenda sentirmos o mesmo que os inimigos do povo de Deus quando vemos o Senhor concedendo prosperidade material a outros. Lamentavelmente, toleramos esse pecado com muita facilidade.

Nossas experiências em desejar um(a) esposo(a) e filhos podem até fornecer motivos para inveja e ciúme. Lia invejou Raquel devido ao amor de Jacó por ela e sentiu que Raquel roubou seu marido (Gênesis 30:15). Mas *"vendo, pois, Raquel que não dava filhos a Jacó, teve Raquel inveja de sua irmã"* (Gênesis 30:1). Essa é uma área sensível, que expõe a fraqueza da nossa carne e nossa necessidade de graça para encontrar verdadeira alegria no Senhor.

A igreja em Corinto era afligida por *"ciúmes e contendas"* (1 Coríntios 3:3 ARA), aparentemente relacionados a quem estava ligado ao melhor pregador ou a quem tinha o dom mais prolífico. As igrejas de hoje refletem o mesmo espírito? O apóstolo Paulo chama isso do que é – carnal, natural e imaturo.

O ciúme e a inveja geralmente reinam em nosso coração quando desejamos maior influência ou quando sentimos que nossa posição está sendo tirada. *"O amor não é invejoso"* (1 Coríntios 13:4), mas nossa natureza egoísta nos cega para as necessidades dos outros e para o que é realmente melhor para a obra do Senhor. Corá, Datã e Abirão tornaram-se críticos dos líderes designados por Deus (Números 16). Por quê? A Escritura diz que eles *"tiveram inveja de Moisés [...] e de Arão"* (Salmos 106:16). Quando Davi ganhou destaque e as

peessoas perceberam sua grandeza, Saul ficou com ciúmes. Ele apenas conseguia ver a Davi como um jovem desafiante ao trono (1 Samuel 18:5-8), em vez de o homem que o Senhor levantou para o futuro do reino. Muitos anos depois, outro Homem foi levantado por Deus em uma época de liderança nada espiritual. O Senhor Jesus foi rejeitado pelos principais sacerdotes, famintos de manter sua posição: “[...] *por inveja o haviam entregado*” (Mateus 27:18). Verdadeiramente, *“duro como a sepultura [é] o ciúme”* (Cantares de Salomão 8:6).

Comparando com a realidade

“Por que as pessoas foram salvas nas reuniões de pregação do evangelho deles e não nas nossas?” “Eu não posso acreditar que ele quer sair com ela e não comigo...” “Nós levamos nossos filhos às reuniões de pregação do evangelho regularmente e nada acontece, mas eles raramente vêm, e seus filhos são salvos!” “Ela fala tão facilmente sobre as coisas do Senhor – por que ela tem que agir de forma tão espiritual?” “Ele tem muito mais coisas a seu favor só porque seus pais são ricos”. Esses casos específicos podem não te atingir, mas, se você for honesto, poderá pensar em seus próprios incentivos para a inveja. Você já considerou como ela é destrutiva para sua alma?

As repercussões

“A inveja é a podridão dos ossos” (Provérbios 14:30). Ela se enraíza, brota incessantemente, ocupa cada vez mais o seu coração e nunca será saciada. “Como a traça rói a roupa, assim a inveja devora o homem” (João Crisóstomo). Saul é um excelente exemplo de como a inveja ou o ciúme podem distorcer sua perspectiva e te desviar do seu propósito. A amargura e a autocomiseração geralmente se seguem. *“Porque, onde há inveja e espírito faccioso, aí há perturbação e toda obra perversa”* (Tiago 3:16). Ao clamar pelo ministério de outra pessoa, um cristão pode sentir que seus “dons negligenciados” serão mais apreciados em outro lugar. Como em Corinto, a contenda se espalha quando os indivíduos mostram inveja em vez de humildade e submissão mútua.

O remédio

Comece com uma autoavaliação sincera. A inveja e o ciúme entristecem o Espírito de Deus e devem ser confessados. Considere as circunstâncias que dão origem a esses pecados em seu coração e como elas revelam os

Servir ao Senhor não é uma competição.

desejos egoístas que especificamente o tentam. Tente ser expressamente grato pela bondade de Deus para com os outros. O trabalho de Deus neles e por meio deles está contribuindo para o crescimento do corpo de Cristo, do qual você faz parte. Servir ao Senhor não é uma competição, então lembre-se de que todos os indivíduos são de grande valor para Deus, independentemente de suas habilidades e realizações – e isso inclui você. *"Contentai-vos com as coisas que tendes"* (Hebreus 13:5 ARA), incluindo seus bens, seus relacionamentos e suas habilidades.

Tudo isso requer um foco em Cristo, que é como o Espírito irá produzir em você Seus frutos de amor, alegria e paz. O Senhor Jesus era consciente de Sua grande responsabilidade de fazer o que Seu Pai desejava para Ele (João 4:34; Hebreus 10:7). Quando as pessoas tentaram fazê-lo rei, Ele foi ficar sozinho (João 6:15). Ele sabia que Seus discípulos fariam obras maiores do que Ele (João 14:12), e Ele ficou contente com isso. Ele não guardou zelosamente (com ciúmes) Suas bênçãos, mas as compartilhou conosco (Romanos 8:17).

"Andemos honestamente, como de dia, não em [...] contendas e inveja. Mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências" (Romanos 13:13-14).

[1] Geralmente, o ciúme descreve sua preocupação de que algo que você possui seja levado por outra pessoa, enquanto a inveja é a emoção vivida quando você deseja o que outra pessoa possui.

[2] O ciúme às vezes é uma coisa boa nas Escrituras. Por exemplo, *"O Senhor é um Deus zeloso"* (Naum 1:2) pelos corações do Seu povo, visto que eles são legitimamente Dele. Paulo diz à igreja de Corinto que tem ciúmes deles *"com zelo de Deus"* (2 Coríntios 11:2).



VERDADE DIVINA
WWW.VERDADEDIVINA.COM.BR